

AS INCOMPREENSÕES DE UM NOVO SENTIDO DA TERRA: BASES DE UM TRATADO DE SOCIOLOGIA RURAL SEGUNDO HENRI LEFEBVRE*

Glauber Lopes Xavier

RESUMO

Com o objetivo de apresentar as bases de um tratado de sociologia rural segundo o pensamento de Henri Lefebvre, este artigo considera as experiências empíricas e teóricas do sociólogo e filósofo marxista francês, privilegiando o período 1948-1958. Ademais, apresenta argumentos que apontam a importância de uma sociologia rural e o modo como ela permite a compreensão do novo sentido da terra. Primeiramente, são expostas as principais críticas de Lefebvre à sociologia rural empiricista e aplicada. Em seguida, são apontadas as premissas do método regressivo-progressivo, base metodológica do tratado lefebvriano. Somado a isso, há o registro de breves notas sobre a sociologia rural de José de Souza Martins, sociólogo brasileiro que se apoiou em conceitos e categorias de Henri Lefebvre em seus estudos sobre a questão agrária no Brasil. Por fim, é dada ênfase ao pensamento de Henri Lefebvre e as bases de seu tratado que evoca por uma sociologia rural junto a algumas reflexões sobre o novo sentido da terra.

Palavras-chave: Tratado de sociologia rural; Henri Lefebvre; sentido da terra

MISUNDERSTANDINGS OF A NEW SENSE OF LAND: THE FOUNDATION OF A TREATY OF SOCIOLOGY ACCORDING TO HENRI LEFEBVRE

ABSTRACT

Aiming to present the basis of a treaty of rural sociology according to the thought of Henri Lefebvre, this paper considered the decade between the years 1948 and 1958 from the empirical and theoretical experience of the French Marxist philosopher and sociologist. Moreover, presented arguments that suggest the importance of rural sociology and how it enables new understanding of the meaning of the land. Firstly, sets out the main criticisms of empiricist Lefebvre rural sociology and applied. Then, it presents the premises of the regressivo-progressive method, lefebvrian methodological basis of the treaty. Added to this, there is a record of brief notes on the sociology of rural José de Souza Martins, a Brazilian sociologist who relied on concepts and categories of Henri Lefebvre in his studies on the agrarian question in Brazil. Lastly, the emphasis is given to the thought of Henri Lefebvre and the bases of his treatise evoking for one rural sociology along with reflects on the new meaning of the land.

Key words: Treaty of rural sociology; Henri Lefebvre; meaning of the land.

Glauber Lopes Xavier. Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás. Professor Efetivo da Universidade Estadual de Goiás (UFG). E-mail: glauber.xavier@ueg.br.

*Apresentado no 38º Encontro do Centro de Estudos Rurais e Urbanos da USP

1. UMA DÉCADA DE CRÍTICAS E NOVOS QUESTIONAMENTOS (1948-1958)

Da vasta produção teórica de Henri Lefebvre, há um momento pouco discutido pelos seus intérpretes: uma década na qual o filósofo e sociólogo francês se dedicou aos estudos de processos agrários e fundamentou as bases de um tratado de sociologia rural (1948-1958). A riqueza deste momento consiste no fato de que significou o trânsito, segundo o próprio Lefebvre, do mundo filosófico para o mundo não filosófico. Após 1948³, no Centre National de la Recherche Scientifique, sob influência de Georges Gurvitch, Lefebvre passou a ter como preocupação “al estudio de la práctica social y la cotidianidad.” (LEFEBVRE, 1975, p. 7). Esta transição, porém, não é facilmente compreensível, pois que se deu no bojo de uma perspectiva metafísica, ou seja, de superação da própria filosofia e não de seu abandono. O espaço em mutação a explica. O rural, que aos poucos cedia corpo ao urbano, despertou, em Lefebvre, uma série de questionamentos que resultaram em magistral contribuição à sociologia rural, dando origem inclusive à sua tese de doutorado sobre o campesinato nos montes pirenaicos da França.

Era o despontar de uma nova relação homem-natureza, conformada por novas representações. A princípio, eram do interesse de Lefebvre temas como a reforma agrária na América Latina, na China e na própria União Soviética. Segundo ele, estes temas gravitavam em torno da teoria marxista da renda da terra e precisavam, naquele momento, de investigações aprofundadas. Aos poucos, contudo, Lefebvre percebia que o campesinato, a despeito de seus vários moldes, se desfazia em boa parte do mundo, restando alguns casos que requeriam maiores esforços, a exemplo do caso cubano e da potencialidade revolucionária de seu campesinato. Ocupado com suas pesquisas sobre o campesinato ao sul da França, Lefebvre deparou-se, então, com um problema cuja complexidade exigia um

cuidado lógico inestimável. Seu objeto “escapolia”, o campesinato dava lugar à indústria, e toda uma dinâmica de vida sofria transformações abissais. No centro de seus esforços teóricos encontrava-se:

La relación campo-ciudad, relación dialéctica, oposición conflictual que tiende a trascenderse cuando en el tejido urbano realizado se reabsorben simultáneamente el antiguo campo y la antigua ciudad. Lo que define la sociedad urbana va acompañado de una lenta degradación y desaparición del campo, de los campesinos, del pueblo, así como de un estallido, una dispersión, una proliferación desmesurada de lo que antaño fue la ciudad. (LEFEBVRE, 1975, p. 15).

Conforme consta das palavras de Lefebvre, esta transição para uma sociedade totalmente urbana seria lenta, exigindo processos históricos, bem como modelos explicativos, de enorme complexidade, conforme detalharemos logo em seguida. Neste sentido, passado meio século, vários questionamentos feitos pelo pensador francês prevalecem nos debates contemporâneos, não sendo, todavia, contemplados por uma sociologia rural com o devido rigor metodológico. Este era, aliás, o principal entrave observado por Lefebvre no tocante aos estudos sobre o campesinato: uma variedade de métodos que desprezavam a história. Este entrave teria permitido o “rpto ideológico” da sociologia, bem como de outras ciências, no sentido de que, ao destituí-la da crítica e de uma real análise dos fenômenos, atenderia aos interesses da burguesia. No campo da economia política, Lefebvre teceu severa crítica aos teóricos fisiocratas, segundo ele, ideólogos de uma agricultura de tipo capitalista. Considerava que a obra do economista francês Pierre Guillaume Frédéric Le Play expressava os anseios da burguesia, na medida em que enalteciam a importância de valores morais de comunidades tradicionais.

Sabidamente, Lefebvre apreendia o caráter político imerso nestes estudos, caracterizados pela exacerbada descrição e empiria, o que fica patente nos

3. Até 1948, as obras de Henri Lefebvre eram puramente filosóficas, cunhadas a partir das influências dos três maiores filósofos da modernidade: Hegel, Marx e Nietzsche. Obras como Nietzsche, 1938 e L'Existentialisme, 1946 marcam este período.

estudos de Le Play, o qual propunha um modelo de família constituído por quinze pessoas, vivendo em habitações de três peças e consumindo, no total, três quilos de açúcar por ano e cinquenta litros de vinho:

A inconseqüência da ideologia reacionária aparece, claramente, nessas obras; a burguesia, que se enriquecia com o desenvolvimento do mercado, ao mesmo tempo, exaltava, por razões políticas evidentes, formas de vida anteriores e exteriores à economia mercantil e industrial. (LEFEBVRE, 1975, p. 22).

Foi alvo de suas críticas, ainda, a rural sociology estadunidense, a qual “se há convertido recentemente em ciencia especializada, una rama de la sociologia general.” (op.cit, p. 24). Imediatista, pragmática e aplicada, esta sociologia abandonava a história, a formação social e econômica da população do campo, de sorte que, na seara da teoria, propugnavam velhas dicotomias, como a oposição entre o arcaico e o moderno, porquanto não tinha o alcance do real, possível apenas a partir da reunião entre a sociologia e a história. O problema era, para Lefebvre, de método:

“De ahí el carácter a la vez difícil y reciente de la sociologia rural, ciencia de lo actual, que no puede olvidar a la Historia, pues en Ella como en otras partes y más que en otras partes, lo histórico persiste y actua en lo actual.” (LEFEBVRE, 1975, p. 20).

2. O MÉTODO REGRESSIVO-PROGRESSIVO

Diante de tal inquietude com os rumos da sociologia rural, corajosamente Lefebvre postulou um método que pudesse amalgamar a sociologia e a história na apreensão dos fenômenos agrários. Este método foi digno do reconhecimento de Sartre que, em sua obra *Questão de Método* registrou, numa nota de rodapé, as seguintes palavras: “Foi um marxista, entretanto, Henri Lefebvre, que deu um método, na

minha opinião, simples e irreprochável pra integrar a sociologia e a história na perspectiva da dialética materialista.” (SARTRE, 1966, p. 46). Por ora, daremos ênfase aos elementos deste método. Partindo da premissa de que a realidade camponesa possui uma dupla complexidade, são elas a complexidade horizontal e a complexidade vertical, Lefebvre teceu um método urdido pela reunião entre descrição e datação. À primeira complexidade, interessa o que ele chamou de conjunto das condições, ou seja, ocupam o pesquisador questões como a técnica e a relação com o agrupamento humano e social, a produtividade do trabalho agrícola e os descolamentos das populações. (LEFEBVRE, 1975). Preocupações que vão à direção do que Vidal de La Blache, fundador da geografia moderna francesa, denominou gênero de vida, com a ressalva, todavia, de que a própria geografia tenha considerado, assim como a antropologia, as realidades como dadas, estáticas e, portanto, independentes das contradições históricas. À segunda complexidade, interessa a coexistência de períodos históricos distintos.

Conforme aduz Lefebvre (1975, p. 64): “Las dos complejidades [...] se entrecruzan, se entrecortan, actúan una sobre outra. De ahí una maraña de hechos que solo una buena metodologia puede esclarecer.” Ao seu método Lefebvre denominou de regressivo-progressivo, tendo como principais momentos:

- a) Descritivo. Observación, pero informada por la experiencia y una teoria general. En primer plano: la observación sobre el terreno. Utilización prudente de las técnicas de encuesta (entrevistas, cuestionarios, estadísticas).
- b) Analítico-regressivo. Análisis de la realidad escrita. Intento de fecharla exactamente (para no contentarse con una relación de arcaísmos sin fecha, sin comparación unos con otros).
- c) Histórico-genético. Estudio de las modificaciones aportadas a la estructura en cuestión, una vez fechada, por el desarrollo ulterior (interno o externo) y por su subordinación a estructuras de conjunto. Intento de una clasificación genética de las formaciones y estructuras, en el marco del pro-

ceso de conjunto. Intento, por tanto, de regresar a lo actual precedentemente descrito, para reencontrar lo presente, pero elucidado y comprendido: explicado. (LEFEBVRE 1975, p. 71)

Ainda a propósito do método regressivo-progressivo, em Questão de método, Sartre aqui escreve que:

“A este texto tão claro e tão rico, nada temos a acrescentar senão que este método, com sua fase de descrição fenomenológica e seu duplo movimento de regressão depois de progressão, nós o cremos válido [...] Só ele pode ser heurístico. Resta lamentar que Lefebvre não tenha encontrado imitadores entre os outros intelectuais marxistas.” (SARTRE, 1966, p. 47).

Do ponto de vista epistemológico, a riqueza deste método está ancorada na ruptura com o conhecimento parcelado, o dos especialistas. Ao seu primeiro momento, o Descritivo, procedimentos de pesquisa caros à antropologia são fundamentais; ao segundo momento Analítico-regressivo - somente a história pode ser aplicada de modo a permitir comparações em profundidade, e finalmente, ao terceiro momento Histórico-genético, a sociologia ocupa primazia, tornando o presente elucidado, ao que o sociólogo “utiliza a história como uma ciência subordinada e auxiliar para o estudo do processo social em seu conjunto.” (LEFEBVRE, 1975, p. 171).

3. BREVES NOTAS SOBRE A SOCIOLOGIA RU-

RAL DE JOSÉ DE SOUZA MARTINS

No caso brasileiro, em particular, Lefebvre encontrou um divulgador de seu pensamento na figura de José de Souza Martins, o qual publicou alguns de seus textos e com quem eventualmente trocava correspondências⁴. Pode se considerar que, no Brasil, Martins é um dos poucos sociólogos contemporâneos que levou a cabo o método regressivo-progressivo em seus estudos, tendo nos legado uma sociologia rural que trilha caminho oposto ao dogmatismo de um marxismo, que hipostasia a superestrutura em suas análises ao tempo, que relega as particularidades históricas de cada país ao total abandono. Isto explica o êxito obtido pelas interpretações de Martins sobre a questão agrária no Brasil, seja ao negar a existência de traços ou resquícios de um feudalismo e nos apresentar uma tese condizente com a realidade sobre as relações de trabalho no campo, seja em sua capacidade de aliar estudos sobre a subjetividade do homem do campo a uma instância cultural-ideológica hegemônica, a qual Lefebvre denominou ordem distante⁵.

“É que o dualismo não pode ser ingenuamente reduzido a um engano, a uma imperfeição teórica, a um viés. Assim como a análise dialética, ele também tem a sua razão, que é uma razão anti-histórica, mas historicamente determinada.” (MARTINS, 1986, p. 12).

Em seus estudos mais recentes, Martins tem dado significativa contribuição teórica à sociologia

4. Em dois livros organizados por Martins, sendo um deles em parceria com Marialice Mencarini Foracchi, algumas dezenas de páginas foram reservadas à textos de Henri Lefebvre. No livro *Introdução crítica à sociologia rural*, organizado apenas por Martins, foram publicados os textos: *Problemas de sociologia rural e Perspectivas da Sociologia rural*, extraídos dos *Cahiers Internationaux de Sociologie* e reproduzidos na obra *De lo rural a lo urbano*, por nós aqui utilizada. Em livro organizado em parceria com Marialice M. Foracchi, foram publicados os textos: *A “práxis”: a relação social como processo e Estrutura social: a reprodução das relações sociais*. O primeiro, extraído do livro *Sociologia de Marx*. Companhia Editora Forense. Rio de Janeiro-São Paulo, 1968. O segundo, extraído do livro *La survie du capitalism*. Éditions Anthropos, Paris, 1973.

5. Os referidos estudos empreendidos por Martins foram publicados em seus livros: *O cativo da terra*. 2ª ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981. *Capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1975.

6. Sobre esta questão, ver: MARTINS, J. S. *A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre pobreza, exclusão e classes sociais*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

7. Sobre esta questão ver: MARTINS, J. S. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

8. Sobre a vida cotidiana, Henri Lefebvre escreveu, em três tomos, a obra: *Critique de la vie quotidienne*. Paris: L'Arche Éditeur, 1961.

rural, como é o caso da compreensão da relação campo-cidade e da existência de relações de trabalho análogo à escravidão, nas quais o sociólogo não enxerga o atraso, mas o que há de racional do ponto de vista dos interesses da acumulação de capital⁶. Na esteira do método regressivo-progressivo, Martins tem se dedicado ao estudo de uma modernidade às avessas, ou, como o próprio autor identifica, uma modernidade anômala, a qual converge elementos considerados arcaicos a outros considerados avançados⁷. A base destes estudos tem sido o tempo, o espaço e a vida cotidiana, temas exaustivamente trabalhados por Lefebvre⁸, os quais estão comportados no primeiro momento do método regressivo-progressivo. Ao empreender estudos sobre o rural brasileiro a partir do pensamento lefebvriano, Martins contrariou muitas análises e ainda desconstruiu a história na medida em que colocou no centro das discussões a posição social da vítima dos processos agrários. No tocante ao espaço, seus conceitos de frente de expansão e frente pioneira abriram caminho a uma investigação do espaço social. No tocante ao tempo e a vida cotidiana, seus estudos sobre a sociabilidade do homem simples contribuíram sobremaneira para uma reflexão acerca de um olhar sociológico diante dos fenômenos sociais rurais:

“Não raro, o mundo rural tornou-se objeto de estudo e de interesse dos sociólogos rurais pelo “lado negativo” [...]. Não por aquilo que as populações rurais eram e sim pelo que os sociólogos gostariam que elas fossem.” (MARTINS, 2001, p. 32).

4. O PENSAMENTO DE HENRI LEFEBVRE E AS BASES DE UM TRATADO DE SOCIOLOGIA RURAL

Antes do apontamento das bases de um tratado de sociologia rural, segundo o pensamento de Lefebvre, importa apresentar uma espécie de inventário do que temos herdado empírica e teoricamente

da produção científica sobre as questões da vida no campo. Neste sentido, este momento do texto reúne as discussões iniciais na medida em que retoma as constatações expostas nos primeiros parágrafos e busca apreendê-las a partir das premissas do método regressivo-progressivo. Este é, pois, o fundamento de um tratado de sociologia rural coroado pela metafísica de Henri Lefebvre: compreender as transformações em curso, confrontando-as com as bases do conhecimento sociológico. Noutras palavras, considerar a dialética do pensamento, pois se configura como produto do real:

“La logique dialectique est donc en même temps une méthode d’analyse, et une récréation du mouvement du réel, par un mouvement de pensée capable de suivre le devenir créateur dans ses sinuosités [...].” (LEFEBVRE, p. 21, 1949).

No centro destas reflexões está o que se entende por modernidade, impondo desafios teóricos e metodológicos alcançados somente por uma lógica dialética. Henri Lefebvre, durante a década que compreende o intervalo entre 1948-1958, logrou a superação da filosofia graças à fecunda e atenta análise do movimento do real. Esta superação, à contramão da lógica formal (lógica que sustentava e era reproduzida pelos estudos de então), tomava o espaço concomitantemente como lócus e produto de relações sociais. Desta sorte, a sociologia rural lefebvriana teve o mérito de pensar o fenômeno urbano em ascensão não como negação do rural, mas como uma nova forma de vida instaurada no encontro entre tempos históricos distintos. Neste sentido, Lefebvre superou posições dicotômicas tais como campo e cidade, moderno e arcaico, apresentadas nas análises interpretativas de uma sociologia rural exacerbadamente empirista e aplicada. Esta superação, contudo, recebeu contribuições que Lefebvre fez questão de registrar, sendo, a principal, a teoria marxista da renda da terra, determinante, aliás, na constituição de sua sociologia rural.

A partir da teoria da renda da terra, Lefebvre examinou aspectos da questão agrária de países

como Cuba e China. Segundo o pensador: “La sociologia rural, al internarse en los hechos sociológicos e históricos, se encuentra ante hechos e leyes económicas, finalmente ante una teoría de economía política, la teoría de la renta de la tierra [...]” (LEFEBVRE, 1975, p. 78). Ao permitir o deslindamento da relação entre o homem e o meio numa perspectiva dialético-material da história, a teoria da renda da terra havia permitido, até então, a compreensão do sentido da terra, das relações sociais, das representações, do próprio sentido da vida. Profundas transformações na relação entre o homem e o meio, decorrentes de um processo ainda em curso, o fenômeno urbano, trouxeram à filosofia, no entanto, novos problemas, causando uma verdadeira incompreensão do sentido da terra.

É pertinente indagar, portanto, se a sociologia rural comportava relevância dada à irrupção de um novo modelo de sociedade. E Lefebvre (1975, p. 77) nos responde: “De todas las ramas de la sociología, la sociologia rural posiblemente esté, más que ninguna otra, mazclada a la vida, la acción práctica, la eficacia.” Eis que Lefebvre apostou na importância da sociologia rural, tendo, todavia, revisado suas bases e apresentado um tratado inovador no tocante à apreensão dos problemas de seu tempo. Não bastava mais somente teorizar, algo ocorria de novo, do que Lefebvre se deu conta apenas na vida prática, ao integrar a *Délegation à l’Aménagement du Territoire et à l’Action Régionale* (DATAR). Esta experiência pode ser resumida nas seguintes palavras do próprio pensador: “Algo novo acontecia, uma idéia de planejamento espacial e prática estava nascendo [...]” (LEFEBVRE, 1990, p. 62).

A partir de uma experiência que se propunha a reorganizar a França, a do DATAR, Lefebvre não temeu em afirmar que existiam lacunas no pensamento de Marx e que estas não haviam sido suficientemente preenchidas pelo pensamento marxista contemporâneo, contaminado pelo estruturalismo e pelo funcionalismo. Dentre estas lacunas, encontrava-se o espaço, o que levou Lefebvre à releitura dos textos de Hegel, a fim de compreender a união

entre tempo e espaço. Está em Hegel a frase que motivou fecundos trabalhos de Lefebvre: “A cidade é o supremo trabalho da humanidade” (HEGEL apud LEFEBVRE, 1990, p. 66). Tal lacuna no pensamento marxista não decorria, no entanto, de uma inconsistência teórica ou mesmo de um erro metodológico. Apenas consistia na ausência do trato de determinados aspectos que não conformavam o tempo histórico investigado por Marx, o que o redime de qualquer acusação de incapacidade, falha ou equívoco. Neste sentido, Lefebvre não dogmatizou o pensamento marxista, a negação da própria dialética. Ao aprofundar suas leituras das obras de Marx, tomou nota do conceito de “segunda natureza”, disposto nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (MARX, 2004). Para Lefebvre, a “segunda natureza” era o urbano. Neste sentido, ainda que na obra de Marx não se tenha qualquer reflexão no que toca a produção do espaço, é inquestionável que ela dera luz às proposições de Lefebvre.

Diante da contraditória, confusa e complexa produção do espaço, residiam as incompreensões do sentido da terra. Espaços manipulados pelo homem, antrópicos⁹ por excelência. Na emergência destes novos espaços, impondo transformações que ora levaram à deflagração de movimentos antiurbanos, ora causaram conflitos no próprio campo, estava em jogo os rumos da humanidade. Diante da apreensão destes problemas, não é exagero afirmar que, com a transição do rural para o urbano, novas relações sociais foram gestadas a ponto de darem origem a um novo sentido da terra. Era isto que intrigava Lefebvre e que apontava a necessidade de novos conceitos e categorias. Desta sorte, o real motivando a teoria dá provas da dialética que engendrou o pensamento lefebvriano. Ademais, atestava que as bases de seu tratado de sociologia rural não negavam a existência do fenômeno urbano, porquanto buscava apreendê-lo para melhor decifrar a história e as contradições a ela subjacentes. Um aspecto que corrobora esta afirmação, tratou-se da análise que Lefebvre realizou sobre o movimento antiurbano. Tomemos o caso cubano. Segundo

9. Resultantes da ação humana.

Lefebvre, este movimento continuou em ação mesmo depois que Fidel Castro chegara ao poder. O intento maior era destruir Havana, a qual representava, nas palavras do pensador, a corrupção, a burguesia e o imperialismo. (LEFEBVRE, 1990).

A despeito do estruturalismo, Lefebvre incorporou a seus estudos uma espécie de antropologia dialética, elemento de sua crítica da vida cotidiana e uma das bases de um verdadeiro tratado de sociologia rural. Seu objetivo era justamente o de compreender o sentido da vida e da terra a partir de investigações acerca da relação homem-natureza. Observando o quão complexa é a dinâmica instaurada na relação entre campo-cidade, Lefebvre percebeu que urgia considerar que o conflito entre as classes de ambas as configurações territoriais transpunham as condições materiais, o que diferenciou suas contribuições daquelas calcadas em um economicismo reducionista e perigoso. Eram, pois, valores, referenciais, costumes, tradições que estavam em jogo, os quais, com o tempo, foram ressignificados e incorporados por novas dinâmicas espaciais, conturbando as análises e exigindo novos cânones ao pensamento sociológico. Lefebvre, em síntese, considerava importante a cultura camponesa, seja a tradicional, seja em como ela engendrou uma urbanidade complexa. Isto não significou a negação do materialismo histórico-dialético. Claro estava, para o pensador, que as transformações em curso decorriam da mercantilização do espaço.

Em que pese esta mercantilização, Lefebvre apontou a necessidade de se investigar o arrendamento das terras e o aumento exponencial do emprego dos braccianti, “proletarios agrícolas, braceros, que no poseen más que sus brazos” (LEFEBVRE, 1975, p. 46). Segundo Lefebvre, estes trabalhadores integravam a categoria mais miserável de toda a população rural. Alguns fatores relacionados à cotidiana reprodução desta força de trabalho foram ressaltados por Lefebvre, como o fato de que habitavam alguns povoados ou cidades. Por outro lado, interessou ao pensador francês a permanência de elementos culturais tidos como mortos e de como isto significava resistência à capitalização em múltiplas dimensões.

Esta é, sem dúvida, mais uma importante base de seu tratado de sociologia rural: “En el mundo rural, más claramente aún que en el artesano, nada ha desaparecido por entero.” (LEFEBVRE, 1975, p. 64).

Ainda na esteira de uma reflexão sobre a mercantilização do campo, Lefebvre definiu, como bases de um tratado de sociologia rural, os seguintes problemas:

“La industrialización de la agricultura, la introducción del maquinismo, la gran producción agrícola y el incremento de la productividad evolucionan hoy en dos sentidos opuestos: capitalismo y socialismo.” (LEFEBVRE, 1975, p. 74).

Oriundos da chamada capitalização da agricultura, estes problemas impuseram esforços teóricos de distintas perspectivas, na medida em que, em cada país, tais processos se davam de formas bastante particulares. Lefebvre tinha consciência disto, tanto é que ressaltou a existência de divergências entre modalidades como cooperação agrícola, cidades agrícolas, comunidade agrária, entre outras. Segundo ele, a compreensão destas diferenças permitiria chegar a uma visão de conjunto das realidades camponesas. (LEFEBVRE, 1975). Importa registrar que, somente a partir do método regressivo-progressivo, isto é possível, na medida em que este método confere importância às peculiaridades históricas. “Podríamos compararlas a un abanico, extendiendo y yuxtaponiendo formas de diferentes épocas [...]” (LEFEBVRE, 1975, p. 75). Mais uma das bases de um tratado de sociologia rural que fora desconsiderada.

Caso tivesse sido empreendido um esforço empírico e teórico como este, muitos equívocos em nome de uma suposta sociologia rural seriam desfeitos, bem como posturas políticas a contragosto da realidade. Malgrado as bases de um tratado de tamanha envergadura, alguns países foram alvos de erros históricos que partiram de projetos considerados de esquerda, muitos deles herdeiros de um marxismo vulgar de orientação estalinista. Na América Latina, a incompreensão da questão agrária se deu,

a nosso ver, pelos mesmos motivos que ameaçaram o pensamento marxista no continente, da seguinte forma apresentados por Löwy (2006, p. 10): “o excepcionalismo indo-americano e o eurocentrismo.” Segundo Löwy, enquanto o excepcionalismo indo-americano tomava como absoluta a especificidade da América Latina e de sua cultura, história ou estrutura social, o eurocentrismo transplantava de forma mecânica, para a América Latina, os modelos que explicavam o desenvolvimento socioeconômico da Europa no decurso do século XX. Deve-se ao segundo motivo – o eurocentrismo – a afirmação de que, no Brasil, havia resquícios de um feudalismo a ser superado, o que asseguraria o desenvolvimento das forças produtivas e o assento do capitalismo.

No tocante ao simbólico e o imaginário, Lefebvre considerava que estes campos permitiriam o desvelo das contradições históricas. Sua proposta de tratado tinha, ademais, os aspectos ideológicos como base, o que exigia um esforço interpretativo sobre os mitos e o folclore do mundo rural. No que ele nominava de domínio estrutural, levantava a importância de se pesquisar a organização familiar. Somente a partir da cultura seria possível apreender certas características dos agrupamentos humanos num horizonte temporal de longa duração. Os mitos, assim como o folclore, em suas entranhas descortinam o cotidiano das populações rurais, o que preconiza acuidade e dedicação por parte de quem se propõe a investigar, ao nível mais profundo, a reprodução da vida nas comunidades rurais. A essencialidade da cultura reside fundamentalmente no fato de que um olhar apurado permite a datação, de certo modo, à reconstrução da história a partir de fragmentos, que num olhar desatento, nada tem que se permita associar. Signos, símbolos e sinais despontam de contextos históricos materialmente determinados. Uma sociologia rural com base apenas em teorias advindas da econômica política não contribui em nada. Ao negar as manifestações culturais, tomando-as simplesmente como expressões ideológicas, uma sociologia desta estirpe em nada contribui para a compreensão da questão agrária e da reprodução de relações no seio do mundo

rural. Não admitem seus representantes que já se perderam numa ideologia (a do dogmatismo) de que são produtos e produtores a um só tempo. Ora, segundo Lefebvre:

En la medida en que el campesinato produce una cultura, o una aportación a la cultura, no podemos hablar de ideología, propiamente dicha (pese al contenido ideológico que pueda tener esta aportación campesina, contenido que sólo los filósofos o teóricos procedentes de otra estructura social más desarrollada pueden poner de manifiesto). Es esta una cultura sin conceptos, transmitida oralmente, comprendiendo sobre todo anécdotas, relatos, interpretaciones de rito e magias, y ejemplos que sirven para orientar la práctica, para conservar o adaptar las costumbres, para dirigir las emociones y las acciones actuando directamente sobre ellas. (LEFEBVRE, 1975, p. 76):

Retomando a importância da pesquisa sobre organização familiar, é válido reproduzir os seguintes dizeres de Lefebvre (1975, p. 75):

“La familia campesina merecerá importantes capítulos: condición de la mujer, de los hijos (primogénitos o cadetes), de los ancianos y viejos, en los diferentes tipos de pueblos y familias.”

Assim como o simbólico e o imaginário, a família desvela tempos históricos e, mais do que isto, a relação entre o homem e seu meio a partir da forma como se organiza. Neste sentido, ela constitui uma espécie de microcosmo, cujas hierarquias, papéis desempenhados pela mulher, quantidade de filhos, dentre outros fatores, contém os valores, representações e manifestações ideológicas de uma determinada sociedade. Colocar a organização dos homens no centro das reflexões é negar a autonomia de uma ordem econômica que paira sobre nossas cabeças. E, principalmente, pressupor o contraditório movimento do real nas suas mais diversas instâncias, como são a simbólica e a familiar.

“Si es cierto que la comunidad campesina puede renacer en la actualidad, em función de exigencias

modernas y sobre bases modernas, nada más interesante que este renacimiento; quizá de él pueda surgir un sentido nuevo de la tierra” (LEFEBVRE, 1975, p. 58).

5. DAS ÚLTIMAS PALAVRAS. UM NOVO SENTIDO DA TERRA: POR UMA SOCIOLOGIA RURAL

Desde há muito tem se enganado àqueles que, de forma laudatória, apregoam o fim da vida no campo. Para despeito dos que incluem Henri Lefebvre neste grupo, devo dizer que cometeram erro crasso, não tendo compreendido a contento o seu pensamento. Assim o fazem porque certamente não leram mais que A revolução urbana e O direito à cidade. Não há fragmentação de espaços no fecundo pensamento de Lefebvre, isto porque não há fragmentação de seu saber. Sua metafilosofia, no constante esforço da superação, prescinde da existência desta separação no real. No entanto, no seio do pensar, pressupõe a totalidade que emana de seu método. Destarte, no tocante ao espaço, o campo confunde-se com a cidade e a cidade com o campo, pois que convergências de tempos históricos distintos. De modo perspicaz Lefebvre percebera, todavia, transformações que dariam um novo sentido à terra, advogando uma sociologia rural ativa e aberta, opondo-se ao dogmatismo que, imperiosamente, marcava os tempos de sua produção sobre questão agrária (1948-1958). Seu transito para uma sociologia urbana não se tratou do abandono de uma sociologia rural, mas decorreu do afã de compreender como o capitalismo avançava e incorporava o espaço em seus processos de acumulação e reprodução. Neste sentido, Lefebvre havia dado conta, antecipadamente, que o capital imprimira, no campo, a indústria, da qual emergira a cidade e seus corolários.

Devemos admitir que mesmo tendo postulado as bases de um tratado de sociologia rural, brevemente expostas neste artigo, não houve em boa parte dos países, exceto na França, quem tenha dado con-

tinuidade às suas investigações. No Brasil, José de Souza Martins é digno de nosso reconhecimento, cuja contribuição superou os entraves analíticos da questão agrária brasileira. Somente a dialética, me convenço cada vez mais, permite apreender de forma coerente os problemas sociais. Mas a dialética contém o devir, quase sempre ignorado em nome de um economicismo descabido. Foi neste devir que Lefebvre vislumbrou um novo sentido da terra. Estamos, passados cinquenta anos dos escritos sobre o rural de Henri Lefebvre, perante os mesmos problemas. Talvez mais agudos no que toca a opressão sobre os trabalhadores rurais e mais ofensivos quanto à incorporação de novas áreas, o que não retira daquela década (1948-1958) a marca histórica da transição do rural para o urbano na Europa e da irrupção de conflitos no campo em todo o mundo.

Considerando a permanência destes problemas, carece evocar por uma sociologia rural. Ora, o rural está dado. Seja sobre o agronegócio, sobre a agricultura familiar ou sobre o cotidiano dos trabalhadores “bóias-frias”, ele exige novos estudos. José de Souza Martins estava pleno em razão ao ter dito, no X Congresso Mundial de Sociologia Rural, que a sociologia foi, por muito tempo, mais uma sociologia da ocupação agrícola e da produtividade do que uma sociologia propriamente rural. Embora seja curta minha experiência como sociólogo rural, não mais que cinco anos, tenho percebido que os processos sociais agrários têm ficado mais nas mãos da sociologia do trabalho do que da sociologia rural, o que corrobora o dito de Martins. Basta uma rápida consulta sobre as linhas de pesquisa nos programas de pós-graduação e raramente nos deparamos com alguma que contemple os problemas rurais. O paulatino descrédito por que tem passado os estudos sobre o rural não tem marcado apenas a sociologia, mas também campos do saber como a própria história e a geografia, as quais deram enormes contribuições e possuíam fortes linhas

de pesquisa.

Neste sentido, este artigo trouxe à luz bases de um importante tratado de sociologia rural, mas também pretendeu, em suas últimas linhas, apontar e evidenciar que é preciso fortalecer a sociologia rural. O real a conclama e nada é mais primoroso que um método de investigação como o regressivo-progressivo, o qual permite reunir a história à sociologia numa démarche de pesquisa empírica e teórica. Tenho buscado aplicar este método em minhas investigações. Ademais, é preciso compreender que seu uso deve prescindir da totalidade, cuja constituição vai desde um momento psicossocial, chegando até uma ordem distante. Neste sentido, de nada é válida uma sociologia rural que dê as costas para os aspectos culturais das populações. Ora, a cultura é a manifestação de condições materiais históricas. Abandoná-la é negar a própria dialética, como já foi dito. Temo que o abandono da sociologia rural seja resultado de uma sociedade tão urbanizada a ponto de se esquecer que os alimentos que come, assim como o álcool que move seus veículos, foram produzidos na terra, por trabalhadores rurais, geralmente superexplorados. Sabidamente Henri Lefebvre dissera que os homens dos meios e classes dominantes não prestavam a menor atenção aos camponeses, não se pensava neles mais do que se pensa no nosso estômago e nosso fígado enquanto estamos bem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEFEBVRE, H. *Nietzsche*. Paris: Éditions Sociales Internationales, 1938.

_____. *L'Existencialisme*. Paris: Le Sagittaire, 1946.

_____. *Le matérialisme dialectique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1949.

_____. *Critique de la vie quotidienne*. Paris: L'Arche Éditeur, 1961. Três tomos

_____. *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Ediciones Península, 1975

_____. *Estrutura social: a reprodução das relações sociais*. In: José de Souza Martins; Marialice Mencarini Foracchi (orgs.). *Sociologia e Sociedade: Leituras de introdução à Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1977.

_____. *A "práxis": a relação social como processo*. In: José de Souza Martins; Marialice Mencarini Foracchi (orgs.). *Sociologia e Sociedade: Leituras de introdução à Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1977.

_____. *Problemas de sociologia rural*. In: José de Souza Martins (org.). *Introdução Crítica à sociologia rural*. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

_____. *Perspectivas da sociologia rural*. In: José de Souza Martins (org.). *Introdução Crítica à sociologia rural*. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

_____. *Entrevista: Conversa com Henri Lefebvre*. Trad. Manuel Rolando Berríos. São Paulo: NERU, Revista Espaço e Debates, n.º 30, 1990.

_____. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

_____. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LÖWY, M. *Introdução: Pontos de referência para uma história do marxismo na América Latina*. In: LÖWY, M. (org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo:

Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

MARTINS, J.S. A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala. 2^aed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre pobreza, exclusão e classes sociais. 2^a ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

_____. O futuro da Sociologia Rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural. São Paulo: Estudos Avançados. 15 (43), 2001.

_____. O cativo da terra. 2^a ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.

_____. Capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1975.

MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo editorial, 2004.

SARTRE, J.P. Questão de método. São Paulo: Difusão européia do livro, 1966.